

Meu Norte é o Sul: habitando entre fronteiras

Mi Norte es el Sur: viviendo entre fronteras

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman¹

Edgar César Nolasco²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo uma reflexão acerca da posição geográfica e epistemológica dos sujeitos *afuera* do sistema-mundo. Uma classificação geográfica determinada por um sistema hegemônico que classifica o planeta em lado Norte e lado Sul, estando os pertencentes do lado Sul às margens, cuja as histórias locais, as culturas, as línguas e as epistemologias invisíveis aos olhos do poder hegemônico. Se fomos lançados para uma interioridade construída é por meio das epistemologias e da desobediência epistêmica, que nos inserimos na história como sujeitos que são *Donde si piensan*. Ademais, dentre as linhas deste trabalho a consciência crítica da boliviana Domitila Barrios de Chungara uma mulher mineira e líder feminina corrobora a uma crítica à essa classificação. Para fomentar essa discussão proposta valemo-nos de estudos de teóricos como Walter Mignolo (2007), Glória Anzaldúa (2007), Ramón Grosfoguel (2010), entre outros.

Palavras-Chave: Bolívia; Domitila Chungara; Epistemologias fronteiriças; Sul.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca de la posición geográfica y epistemológica de los sujetos que forman parte del sistema-mundo. Una clasificación geográfica determinada por un sistema hegemónico que clasifica al planeta en los lados Norte y Sur, con los pertenecientes al lado sur en los márgenes, cuyas historias, culturas, lenguas y epistemologías locales son invisibles a los ojos del poder hegemónico. Si fuéramos lanzados a una interioridad construida, es a través de las epistemologías y la desobediencia epistémica, que nos insertamos en la historia como sujetos que son *Donde si piensan*. Además, entre las líneas de este trabajo, la conciencia crítica de la boliviana Domitila Barrios de Chungara, una mujer minera y líder femenina, corrobora una crítica a esta clasificación. Para fomentar esta propuesta de discusión se utilizaron estudios de teóricos como Walter Mignolo (2007), Glória Anzaldúa (2007), Ramón Grosfoguel (2010), entre otros.

Palabras clave: Bolivia; Domitila Chungara; Epistemologias fronterizas; Sur.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; juhgzman@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br

1. O Sul que habito:

Superioridade? Inferioridade? Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro?

FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 191.

A epígrafe que abre este trabalho (es)colhida na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), de Franz Fanon, revela uma opção *outra* que rompe com o dualismo e a linha abissal existente entre os dois lados da linha. Desta maneira, nenhum divíduo ou epistemologia se sobressai à outra: o ato de revelar-se num outro, é como quem vê a si mesmo no reflexo das águas que separam tantas fronteiras, mas que, no final, os dois lados se fundem em apenas um. Como, por exemplo, o rio Paraguai visto no porto de Corumbá (BR) e na cidade de Puerto Suárez (BO).

A guisa de uma introdução, destaco, na esteira de Mignolo em *La idea de América Latina* (2007), o racismo e o patriarcado como base desta classificação existente entre seres/saberes da diferença colonial. “Uma diferença estabelecida na ordem do saber imperial, da classificação realizada [...] desde o lugar privilegiado do poder e na qual aos classificados não lhes concedem a possibilidade de opinar” (MIGNOLO, 2007, p. 204)³. A América Latina inventada a partir de uma marcha de expansão de um universalismo e que teve suas histórias locais silenciadas e substituídas durante séculos pelo projeto universal da Europa, opta por pensar de modo *outra*. A opção descolonial dos condenados/negados agradece e dispensa a opção universal: “Não, obrigada, mas não, minha opção é descolonial” (MIGNOLO, 2007, p. 217)⁴. Nós os *condenados da Terra*, os *anthropos*, os deficientes, seres humanos *outros* por meio de um pensamento epistêmico/descolonial, estamos a caminho de um processo de aprender a desaprender e de aprender a ser um processo de desprendimento. (MIGNOLO, 2007).

Um pensamento descolonial não resgata apenas o *bios* (vida) do divíduo que fala/pensa, mas, sobretudo, o lócus (lugar) a partir do qual o divíduo pensa, haja visto que nossos conhecimentos são sempre situados (GROSFOGUEL, 2010). Assumindo “uma geopolítica e um corpo-política do conhecimento descoloniais como pontos de partida para uma crítica radical” (GROSFOGUEL, 2010, p. 462). O pensamento descolonial como rompimento de vários dualismos marcados, tais como: razão/emoção, corpo/alma, civilizado/selvagem, etc., traz como opção o *ser donde si piensa* em contracorrente ao cogito *Penso, logo existo*.

Como estou tratando de um resgate do lugar de enunciação como parte essencial para uma organização *outra* do globo, como seria então o mundo se “descolássemos o lócus de enunciação, transferindo-o do homem europeu para as mulheres indígenas das Américas, como, por exemplo, Rigoberta Menchu, da Guatemala ou Domitila, da Bolívia?” (GROSFOGUEL, 2010, p. 462). Seríamos então o Sul dominante do sistema-mundo, marcados pelo preconceito ao branco/europeu/cristão? Ou eles se assemelhariam aos que aqui já habitavam? “*Oh corpo meu, faz de mim, sempre uma mulher que se interroga*” (FANON, *Pele negra* 191, grifos meus). Julgo necessário trazer para meu texto a ilustração de Joaquín Torres García a fim de expor essa inversão espacial do mundo que vem corroborar a questão exposta anteriormente e ao título deste trabalho. A imagem a seguir é uma ilustração de García para o seu ensaio intitulado “La escuela del Sur”, de 1936:

⁴ No original “No, gracias, pero no; mi opción es decolonial.”

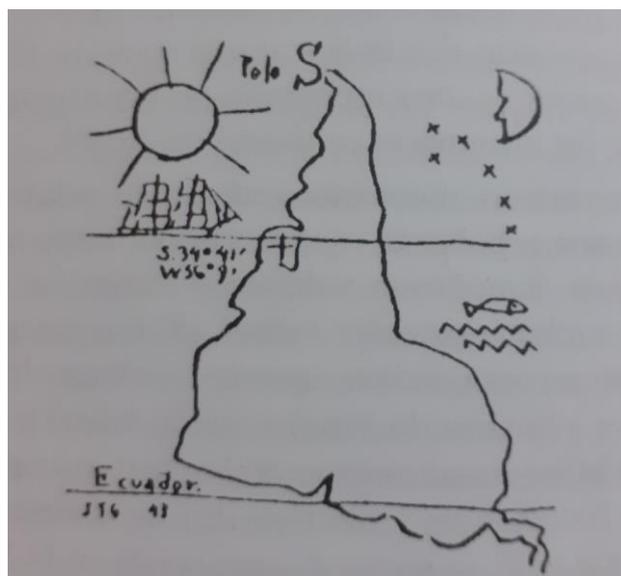


FIGURA 1: Meu Norte é o Sul.
Fonte: Livro *Planetas sem boca*, p. 290.

Torres Garcia argumenta que a partir da imagem 1 acima, ao retratar o mapa invertendo a posição geográfica do Sul para o Norte, temos uma visão ou “ideia de nossa posição - e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, a partir de agora, prolongando-se, aponta insistentemente ao Sul, nosso Norte” (TORRES GARCIA, 2006, p. 291). Dessa maneira, a América do Sul torna-se o lugar de ponto de partida, o começo de uma organização *outra* a partir de nosso lócus. *Do Ser donde si piensa*, por meio de nossa própria sensibilidade de mundo. A ação de uma localização *outra* estabelecida e defendida por Torres Garcia, mais do que espacial, é ideológica, cultural e, sobretudo, epistemológica.

A história oficial, aquela contada pelo ponto de vista do colonizador que aqui chegou, é “uma enredada estrutura de poder mais ampla e mais vasta, que uma redutora perspectiva económica do sistema-mundo não é capaz de explicar”(GROSGOUEL. 2010, p. 463) Marcada por uma hierarquia que privilegia o povo europeu, o homem sobreposto às mulheres, uma hierarquia espiritual que privilegia o cristão, línguas, culturas, raças, etc. A ideia de raça organiza a população mundial segundo uma ordem hierárquica de povos superiores e inferiores que passa a ser um princípio organizador da divisão.(GROSGOUEL. 2010, p. 465) A Bolívia como país do lado Sul está genuinamente na barra que separa os dois lados da linha do pensamento abissal. Segundo Mignolo, o preconceito racial é uma das características do povo boliviano:

Na Bolívia tanto a vida cotidiana como a política nacional e relações internacionais estiveram marcadas (pelo que se pode saber o mais imaginar sem estar diariamente nos escritórios de Governo) pela questão racial. (MIGNOLO, 2007, p. 207)⁵

Sendo a Bolívia um país isolado do resto do Sul, é comum imaginarmos uma comunhão dentre os povos, afinal, o país reúne mais de 30 nacionalidades reconhecidas legalmente por meio de seu Estado Plurinacional, mas de perto as coisas não são assim. Tendo em vista que Evo não se moldou ao governo que durante anos imperou, Mignolo

⁵ No original: “En la Bolivia tanto la vida cotidiana como la política nacional y las relaciones internacionales estuvieron marcadas (por lo que se puede saber o más imaginar sin estar diariamente en las oficinas de Gobierno) por la cuestión racial”.

apontou o governo de Evo Morales como um processo de descolonialidade: de Estado, economia e educação (MIGNOLO, 2007). Seu governo foi marcado por um Estado que inseriu os povos indígenas e os camponeses na constituição, uma economia que buscou desprender-se do lado Norte e uma educação que resgatou as culturas e as línguas indígenas locais de cada região do país. Um governo pautado em uma epistemologia do Sul que iniciou uma “descontinuidade radical com o projeto moderno e uma reconstrução da reflexão sobre os saberes” (NUNES, 2010, 263). Um resgate aos saberes locais silenciados por “diferentes formas de epistemicídio — desde a evangelização e a escolarização ao genocídio ou à devastação ambiental” (NUNES, 2010, 282). A epistemologia aqui explicitada é uma alternativa *outra* diante as várias possíveis, sem soberania ou classificação.

Quando viva, Domitila Chungara apoiou o governo de Morales e os dois tiveram um contato próximo por causa da participação de ambos no MAS (Movimento ao Socialismo). Como resultado desta união, o ex-presidente Evo Morales a homenageou concedendo-lhe postumamente o Prêmio Condor dos Andes como líder obreira, em 2012, mesmo ano de sua morte. Uma união entre os divíduos semelhantes que se desviam do modelo imperial, mas que ainda hoje sofre da ferida de ser fronteiro. A chicana Gloria Anzaldúa, em sua obra *Borderlands/La frontera* (2007), afirma que a fronteira entre o México e os Estados Unidos é uma ferida aberta:

Deste modo o Terceiro Mundo arranha contra o primeiro e sangra e antes que se forme uma crosta, a hemorragia retorna a seiva vital de um dos mundos que se fundem para formar um terceiro país, uma cultura de fronteira. (ANZALDÚA, 2007, p. 42)⁶

Da mesma maneira, a ferida entre outros países do Sul do globo e os Estados Unidos continua aberta. Domitila afirmava que o principal terrorista é o povo do Pentágono, e que todos os governos do mundo se submetem aos Estados Unidos:

Com o tempo, este mundo vai ser uma hegemonia dos Estados Unidos, do Fundo Monetário Internacional que está aplicando esta política neoliberal e uma hegemonia dos países que estão com eles em relação a todos nossos povos. E a qualquer um que reclamar por trabalho, por água, por justiça, vão começar a torturar e a massacrar, inclusive com a ajuda de outros países. (VIEZZER, 2018, p. 325)⁷

Não há uma troca de mão dupla, há uma fronteira metafórica, física e epistemológica que nos separa dos EUA, e mesmo que todos se submetam a sua hegemonia, nós (os *atravessados*) seremos sempre os *us* (nós) distantes dos *them* (eles) (ANZALDÚA, 2007). Ademais, “os Estados Unidos consideram os habitantes das terras fronteiriças transgressores, estrangeiros”⁸, e seus *loci* como lugares vagos e indefinidos, que fora criado/inventado. Todos nós, somos/estamos *condenados* por “uma ferida colonial, em que a matriz colonial (cega e perversa) afirma seus privilégios” (MIGNOLO, 2007, p. 205), tornando difícil nos curarmos desta ferida.

⁶ No original: “[...] es una herida abierta donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra. Y antes de que se forme costra, vuelve la hemorragia, la savia vital de dos mundos que se funde para formar un tercer país, una cultura de frontera [...]”.

⁷ No original: “Con el tiempo, este mundo va a ser una hegemonia de los Estados Unidos, del Fondo Monetario Internacional que está aplicando esta política neoliberal y una hegemonia de los países que están con ellos en relación a todos nuestros pueblos. Y a cualquier lugar que se reclame por trabajo, por agua, por justicia, van a empezar a torturar y a masacrar, incluso con la ayuda de otros países [...]”.

⁸ No original: “[...] los Estados Unidos consideran a los habitantes de las tierras fronterizas transgressores, extranjeros [...]”.

Ainda que o centro não admita, “o mundo que habitamos, o planeta terra, tem muitas geografias imaginárias” (DABASHI, 2018, p. 78.)⁹, pessoas e suas histórias locais e, a geografia dos europeus é apenas uma dentre tantas outras. Não só a geografia, mas toda a teoria deles que continua imperando. Nós aqui da fronteira-sul também pensamos e teorizamos. Muitos filósofos que mantem este pensamento abissal representam esta interioridade criada, que não aceita outras geografias ou mapas em que eles não são capazes de dominar. Estes “[...] não podem ler nenhum outro guia ou mapa porque estão cegos diante das geografias alternativas que a resistência e esse colonialismo tinha escrito e navegado” (DABASHI, 2018, p.79)¹⁰. Acreditando que há apenas uma opção e eliminando a possibilidade de opções outras.

Referências bibliográfica

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

DABASHI, ¿Pueden pensar los no-europeos? In: AGUER et al (Org). ¿Podemos pensar los no-europeos? Buenos Aires: Del signo, 2018, p. 69-120.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

VIEZZER, Moema. *Si me permiten hablar... testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia*. La Paz: Biblioteca del Bicentenario de Bolivia, 2018

⁹ No original: “El mundo que habitamos, el planeta Tierra, tiene muchas geografías imaginativas”.

¹⁰ No original: “[...] no pueden leer ningún otro guion o mapa porque están cegados a las geografías alternativas que la resistencia a ese colonialismo había escrito y navegado.”